

Conable elege sua prioridade

ROBERT APPY

WASHINGTON — O Plano Brady acabou criando uma confusão entre o papel do Banco Mundial (Bird) e do FMI — ambos estão intervindo para ajudar os países a reduzir suas dívidas externas. A confusão levou algumas pessoas a questionar a fusão das duas instituições. É possível que a proposta tivesse levado o presidente do Bird, Barber Conable, e o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, a discutir melhor os temas em seus discursos de ontem na abertura da 44ª Assembleia Anual do FMI-Bird. Certamente isso explica por que no discurso o presidente do Bird deu pouco espaço ao problema da dívida externa, enquanto o assunto mereceu análise pormenorizada de Camdessus.

Conable é um homem realizado — conseguiu atender às necessidades de seus sócios. O Bird através de

sua filial, a Corporação Financeira Internacional (IFC), assumiu no seu exercício financeiro compromissos recordes de US\$ 21 bilhões.

Para a década de 90, Barber Conable elege duas prioridades: a preservação do meio ambiente e a qualidade de vida. Como se esperava, a ecologia ocupou parte importante do discurso do presidente do Bird, que não escondeu a responsabilidade dos países industrializados na poluição do ar. Para ele, a melhoria da qualidade de vida depende tanto do controle da natalidade quanto do crescimento das atividades rurais que evitará a migração para os centros industriais. Neste sentido, o Bird volta a uma escala de prioridade de dez anos atrás.

O Banco Mundial, por não ter de enfrentar problemas de atualidade nem desafio de curto prazo, não recebe, nas reuniões anuais, a mesma atenção dispensada aos problemas levantados pelo FMI. Camdessus deixou de lado o texto escrito

em seu discurso. Aproveitou para se referir diretamente ao Plano Brady. Se o presidente do Bird havia declarado que "o fim da crise da dívida externa ainda está longe", Camdessus lembrou que "somente o crescimento econômico permitirá reembolsar as dívidas".

O crescimento depende de três fatores — um de responsabilidade dos países endividados, a adoção de um programa de ajuste; dois outros dos países ricos: a criação de um contexto internacional favorável ao Terceiro Mundo e concessão de recursos. No entender de Camdessus, há uma "revolução silenciosa" nos países endividados, que reconhecem que as exigências do FMI não representam apenas uma imposição de economistas ortodoxos, mas é também o único caminho para a volta do crescimento. O FMI decidiu não esperar que as negociações de um país devedor com os bancos comerciais sejam concluídas para desembolsar.



France-Presse

Conable: homem realizado